

TRADUZIR E INTERPRETAR INCURSÕES NO MUNDO DO OUTRO OU ATOS DE FRONTEIRA?

Reflexões teóricas sobre o papel do intérprete a partir de uma perspectiva culturalista

Renato Messias Ferreira Calixto (Cefet-MG)¹

Regiane Lucas de Oliveira Garcêz (UFMG)²

Sônia Marta de Oliveira (Prefeitura de Belo Horizonte)³

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir o papel do tradutor intérprete de Língua de Sinais e sua relação com os sujeitos surdos à luz das teorias culturalistas (Hall, 2003; Bhabha, 1998; Perlin, 2006; Shayegan, 2008). Os atos de tradução e interpretação são atos de mediação cultural ou atos de imersão em outra cultura? Para compreender a dimensão sociocultural do intérprete ouvinte, apontamos neste estudo a perspectiva da fronteira e do hibridismo, na qual há um esforço do profissional em mediar enunciados entre culturas. Conclui-se que a) para uma melhor mediação de culturas se faz necessária a incursão do intérprete na cultura surda e uma ruptura primeira com a cultura hegemônica, com o paradigma da deficiência e com a perspectiva etnocêntrica e b) a compreensão da diferença cultural confere ao TILS uma horizontalização nas relações com os surdos, superando a perspectiva do intérprete como *dono da razão, agente de caridade, oportunista, inimigo dos surdos* ou *aquele que quer apenas aprender Libras e tomar o lugar dos surdos*.

Introdução

É consenso dizer que para ser um bom tradutor intérprete de Língua de Sinais (TILS) é preciso conviver com os surdos e passar por cursos de formação, sejam eles de extensão, profissionalizantes ou superiores. Este artigo tem como objetivo discutir uma terceira dimensão da atuação do TILS: a dimensão sociocultural. Tal foco é fundamental para

¹ Mestrando em Estudos de Linguagens – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG); Intérprete de Libras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Linguista e Membro do grupo de estudos INFORTEC – Informática, Linguagens e Tecnologia/CEFET-MG. renatoletras@hotmail.com

² Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais; intérprete de Libras do Curso Letras– Libras da Universidade Federal de Santa Catarina/polo Cefet-MG; editora-chefe da Revista da FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos; integrante do Grupo de Estudos em Mídia e Esfera Pública (UFMG). regianelucasgarcez@gmail.com

³ Especialista em Educação Inclusiva e em Educação Infantil – Fundação João Pinheiro e Centro Universitário Newton Paiva/CEPEMG; Intérprete de Libras do Curso Letras– Libras da Universidade Federal de Santa Catarina e Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais; Segunda Secretária da FEBRAPILS, - Federação Brasileira dos Profissionais Tradutores, Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais; Professora e Intérprete de Libras da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. soninhamarta@gmail.com

compreender não só a qualidade da tradução e interpretação, bem como o papel desse profissional na relação ética com os sujeitos surdos, especialmente no que se refere à competência tradutória e à postura profissional e humanística perante o fenômeno da surdez. Nessa medida, buscamos, ao longo do texto, responder às seguintes questões: os atos de tradução e interpretação são atos de mediação cultural ou atos de imersão em outra cultura? De que forma se estabelecem e se acomodam as relações de poder entre surdos e intérpretes de Libras ouvintes? À luz das teorias culturais (Hall, 2003; Bhabha, 1998; Perlin, 2006), busca-se discutir o papel do intérprete ouvinte e a sua relação com os sujeitos surdos num espaço híbrido, que é o espaço da mediação. Nosso foco está especificamente na relação entre surdos e tradutores/intérpretes ouvintes por compreendermos que há, de antemão, a hegemonia da cultura ouvinte sobre a cultura surda, relação esta construída social e historicamente. Para tanto, faremos uma revisão de literatura apontando, na primeira parte do texto, a perspectiva culturalista, com ênfase nas fronteiras e no hibridismo cultural. Na segunda parte, relacionamos tais discussões aos atos de tradução e interpretação para a Língua de Sinais. Na terceira parte, conclui-se que, para uma melhor mediação de culturas se faz necessário, primeiro, uma ruptura a cultura hegemônica e uma imersão na cultura surda. A compreensão da diferença cultural confere ao TILS uma horizontalização nas relações com os surdos, superando a perspectiva do intérprete como *dono da razão, agente de caridade, oportunista, inimigo dos surdos* ou *aquele que quer apenas aprender Libras e tomar o lugar dos surdos*.

A perspectiva culturalista

A dificuldade de definir cultura vem da própria natureza do conceito. A cultura não se conforma, não se captura e, para alguns autores sequer pode ser definida. Possui caráter rizomático, está em permanente movimento e lança sua rede de significações⁴ a espaços de difícil delimitação (Shayegan, 2008). De acordo com Hall (2003), cultura é produção em constante mudança. Não somos seres prontos, acabados. Somos moldados pelas nossas relações e práticas sociais. A cultura seria um “conjunto de práticas simbólicas mais ou menos coerentes e mais ou menos livremente unidas” (Lash, 2005, p.68). É constituída de símbolos com cargas de afetos, impregnados de significados, que estão mais para a ordem da percepção inconsciente do que para a própria ação. Não possuem uma lógica de utilização de meios para

⁴ Essa complexidade, muitas vezes subsumida a uma característica homogeneizante, se esconde atrás da “pobreza da singularidade” (Shayegan, 2008, p. 95), uma defesa das identidades únicas nacionais.

determinados fins. São o fim em si mesmas. Ocupam-se dos valores em detrimento da norma. Esses significados se inscrevem nas práticas culturais e governam as formas de vida. As culturas, como conjunto de práticas simbólicas, são configuradas a partir de várias referências, como uma colcha de retalhos cuja costura que os une é a comunicação (Shayegan, 2008).

Esse pano de fundo cultural, que não funciona sob a lógica da acumulação de conhecimento, configuram as identidades por meio de fluxos comunicativos. A identidade dos sujeitos, assim, é conformada pelos contextos em que eles vivem e por suas histórias pessoais. As identidades coletivas e individuais utilizam elementos do passado, do presente e das relações estabelecidas socialmente. Portanto, não são fixas e nem ganham vida por si mesmas. No caso dos surdos, alimentam-se da cultura constituída visualmente e da percepção e significação do mundo pelo olhar.

“Cultura surda é uma maneira de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com suas percepções visuais. Há um compartilhamento de algo em comum, valores, normas e comportamentos, que só são intercambiados por aqueles que acessam o mundo visualmente” (Strobel, 2008)

Os surdos são “estrangeiros em casa” (Shayegan, 2008, p. 101). Comunicam-se em outra língua e significam o mundo por meio de dois registros absolutamente distintos: a língua portuguesa escrita e a língua de sinais. Somos uma multitude de identidades fragmentadas, cuja hibridização está no cerne da nossa constituição. A tirania do monolinguísmo, ainda presente fortemente, cai por terra nesses espaços híbridos. É o que podemos observar, no caso dos surdos:

A identidade e a cultura das pessoas surdas são complexas, já que seus membros frequentemente vivem num ambiente bilíngue e multicultural. Por um lado, as pessoas surdas fazem parte de um grupo visual, de uma comunidade surda que pode se estender além da esfera nacional, no nível mundial. É uma comunidade que atravessa fronteiras. Por outro lado, eles fazem parte de uma sociedade nacional, com uma língua de sinais própria e com culturas partilhadas com pessoas ouvintes de seu país. (Quadros e Sutton-Spence, 2005)

A perspectiva híbrida da cultura surda se revela não só porque ela se faz nos espaços nacionais, em meio a duas ou mais línguas (de forma visual), mas porque se produz em meio às várias vivências dos surdos, com maior ou menor fluência da língua, com escolarizações distintas, com as mais diferentes relações estabelecidas com os ouvintes. E ainda, é preciso

considerar a variedade de elementos da cultura ouvinte a que os surdos tem contato diariamente, conformando sua identidade e sua cultura cada vez mais híbridas.

A complexidade da cultura e da identidade surdas se apresenta também na própria natureza destas. Como a surdez ainda é vista sob o paradigma da deficiência e da falta, para alguns ainda parece impensável considerar a existência de uma cultura advinda de uma falta. Outros se apoiam no discurso nacionalista da existência de uma única cultura nacional. Tal cultura abrangente e falsamente pregada como única e estática oculta a discussão sobre a fragmentação das identidades. Ainda podemos considerar aqueles que toleram a convivência entre culturas distintas, desde que a sua própria seja considerada como superior.

Traduzir e interpretar: zonas de intervalo

Muitos autores já discutiram a relevância de se considerar a cultura surda no trabalho dos TILS. Segundo Massuti e Santos (2008) o processo de tradução se configura para além de aspectos linguísticos. Há outros recursos necessários. Traduzir requer estratégias que levem em conta a subjetividade do tradutor/intérprete e da pessoa surda dentro de uma vasta política cultural. Perlin (2006) conceitua o TILS como intérpretes da cultura, da língua e da história das pessoas surdas. O ato de traduzir/interpretar aqui é fazer parte da história do outro, o outro surdo. E fazer parte significa colocar à disposição para entender este outro, os seus afetos e as suas experiências de vida. Segundo Marques e Oliveira (2009), a partir de uma perspectiva fenomenológica, os TILS são *momentos* na vida dos surdos, mas que acabam, em última análise, fazendo parte da construção do *Ser Surdo*.

Ao considerarmos uma mediação cultural o ato de traduzir e interpretar, concebemos o intérprete como “leitor cultural e agenciador de sentidos traduzidos em zonas fronteiriças de contato, marcadas por tensões subjetivas” (Masutti, 2007). Tais profissionais atuam com o desafio de promoverem traduções e interpretações, considerando aspectos que são centrais em uma e outra cultura. Tais *zonas de contato* entre surdos e ouvintes (Masutti, 2007) podem ser consideradas *zonas de intervalo* (Shayegan, 2008) que reinventam os sujeitos não de acordo com uma ou outra cultura, mas conforme o regime híbrido que tece enredos emotivos e cognitivos. É o que Bhabha (1998) chamaria de um *entre-lugar*, um espaço onde se emaranham estratégias de saber e poder. Sendo assim, o espaço da tradução e/ou interpretação se faz em um terceiro lugar, aquele de intervalo entre a cultura surda e a ouvinte. O

acionamento discursivo das culturas nos atos tradutórios as aciona e as transforma discursivamente.

Dessa maneira, o intérprete não pode ser aquele que se fixa a uma ou outra cultura. É preciso que ele assuma a perspectiva do intervalo como espaço singular. Esse pano de fundo cultural recriado não funciona sob a lógica da acumulação de conhecimento. Não basta apenas *saber* que existe cultura surda, mas é preciso *assimilar e internalizar* esse novo lugar que segue um tipo diferente de temporalidade, que se move a partir de símbolos muitas vezes carregados de afetividade, que com frequência atuam no nível do inconsciente ou de um pré-consciente.

Para que o TILS assuma o espaço do intervalo, é preciso que, primeiro ele se encontre no espaço do outro. A imersão cultural a qual o intérprete é desafiado depende somente dele. Tal incursão o universo surdo muitas vezes se dá por outro viés. Natural que haja um primeiro estranhamento, já de início, ao aprender a Língua de Sinais. Tal estranhamento pode se revestir de várias formas. Apontaremos três delas. Pode haver, primeiro, um deslumbramento com a língua e com o surdo, permeado de exotismo, como se a Língua de Sinais fosse algo de outro mundo e como se fosse fantástico que uma pessoa surda pudesse ser como qualquer um dos ouvintes. Afinal, para muitos a Libras é *legal* de aprender, está na crista da onda, ou melhor, na última moda. Tal exotismo evoca discursos tais como intérpretes que *amam os surdos*, de forma genérica, seja qual surdo for, e ainda o de *intérprete amigo*, disponível a qualquer momento.

Uma segunda relação que se estabelece no contato entre surdos e intérpretes é a perspectiva de que o sujeito surdo é aquele que precisa do TILS. A perspectiva clínica, da deficiência, do surdo como aquele sujeito de falta, prevalece nessa relação. A tradução e a interpretação seriam verdadeiros atos de caridade e os surdos estariam em eterna dependência dos intérpretes se quiserem se fazer entendidos pelos ouvintes. A superioridade do intérprete é designada pela sua bondade. Muitos surdos chegam mesmo a acreditar que o intérprete é aquele que tem sempre razão, aquele dotado de conhecimento. Chegam mesmo a acreditar que não são providos de autonomia e que não seriam nada sem os intérpretes.

O terceiro tipo de estranhamento é etnocêntrico. Os TILS estariam ali para *salvar* os surdos de eventuais *gafes* no mundo dos ouvintes. A colonização dos surdos por uma perspectiva do

politicamente correto do mundo ouvinte coloca a cultura dos que ouvem como superior. O sujeito colonizado, desajustado (Bhabha, 1998) precisa ser corrigido. Sob a desculpa de uma mediação cultural muitos intérpretes *calam e desautorizam* os surdos. É claro que determinados enunciados, para serem compreendidos em uma e outra cultura, dependem de estratégias linguísticas de adaptação, mas isso não significa que intérpretes precisem oprimir o posicionamento dos surdos porque o consideram *inadequado* ou pouco *polido*.

A perspectiva assimilacionista e universalista das culturas majoritárias (Alexander, 2006) também é um entrave para a compreensão de culturas minoritárias. O próprio discurso nacionalista que invoca a cultura brasileira trata de apagar as diferenças e fragmentações culturais existentes. O discurso etnocêntrico, mesmo que velado, impõe a superioridade de culturas dificultando assim o reconhecimento de outros modos de ver o mundo ou considerando-os inferiores.

Além de considerar uma cultura como única ou superior, a perspectiva assimilacionista cria uma hierarquia de valores que classifica e categoriza as culturas como aquelas de maior ou menor prestígio (Honneth, 2003). Existe aí um horizonte moral de expectativas não compartilhado, particularmente no que tange a cultura surda. Não parece moralmente válido para o senso comum apregoar que a surdez é digna de orgulho porque delinea uma cultura e uma língua específicas. Está em cheque aí o que realmente tem valor e prestígio para a sociedade. Os rótulos e estigmas são todos convocados para participar da constituição desse horizonte moral que, por enquanto, ainda insiste em classificar como inferior e não digna de reconhecimento a cultura surda.

Os três tipos de estranhamentos apontados, embora apresentados de maneira um pouco categórica e rotulada, provoca-nos algumas reflexões importantes. Em que medida, no ato de tradução/interpretação há uma aproximação das culturas e o reconhecimento da autonomia dos sujeitos surdos e da diferença linguística? Nos três casos a hegemonia da cultura ouvinte prevalece. Romper com este paradigma requer se colocar no lugar do outro. E, se colocar no lugar do outro, o outro surdo, significa mergulhar em um universo onde o ouvir não faz parte, onde perceber o mundo é ter um olhar estritamente visual. Essa imersão/incursão é a possibilidade de construir novos conceitos sobre o outro, o outro surdo.

Rupturas necessárias

Para que, de fato, tradutores e intérpretes das Línguas de Sinais – surdos ou ouvintes – promovam uma mediação de culturas, se faz necessário, primeiro, uma ruptura com a cultura hegemônica e uma imersão na cultura surda. Uma imersão primeira, despida de hierarquias culturais e de relações hegemônicas, traz conforto e intimidade linguísticas para que os *momentos* de interpretação ocorram de maneira mais satisfatória. Para que as *zonas de contato* ou *zonas de intervalo* se estabeleçam de maneira a melhor mediar culturas, respeitar a autonomia e a diferença linguística dos enunciadores, é preciso que haja, primeiro, rupturas com a cultura hegemônica, com o paradigma da deficiência e com a perspectiva etnocêntrica.

Em algum momento, é preciso abrir a porta da outra cultura, entrar e fechar. Conhecer verdadeiramente como pensam as pessoas surdas, como elas se sentem e compreendem o mundo. A partir de um esforço de colocar-se no lugar do outro e de desvincular-se da própria cultura, relações mais horizontais entre surdos e TILS tendem a ser estabelecidas. A equidade nas relações se constrói, nos momentos de interpretação, a partir do olhar do outro, surdo ou ouvinte (Perlin, 2006)

É claro que a experiência simbólica e cultural das pessoas ouvintes *já* será como a dos surdos por uma simples razão. Eles compreendem o mundo pelos sentidos da audição e da visão, enquanto o surdo significa o mundo pela visão. Isso não quer dizer que os TILS estejam impedidos de promover esse mergulho cultural.

Não só a imersão, mas a negociação e o diálogo, pode suscitar relações mais horizontais entre surdos e TILS (Pereira, 2008). Como aliado que empodera as pessoas surdas, o TILS pode contribuir para a transformação do sujeito que pode aprender e apreender e ser autor de sua história. O TILS não *ajuda*, não *toma lugar*. Ele alia-se e media enunciados. Respeita o momento em que os surdos são desafiados a se posicionarem no mundo e passa a ser um aliado na luta contra as práticas opressivas da cultura ouvinte. Essa relação leva à compreensão de que a identidade profissional do TILS transita por fronteiras. Essa horizontalização nas relações com os surdos supera a perspectiva do intérprete como *dono da razão*, *agente de caridade*, *oportunista*, *inimigo dos surdos* ou *aquele que quer apenas aprender Libras e tomar o lugar dos surdos*.

Referências

- ALEXANDER, J. 2006. **The Civil Sphere**. New York : Oxford University
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2003. 291 p .
- LASH, Scott. **Crítica de la informacion**. Buenos Aires: Amorrortu, 2005. pp. 37-137
- MARQUES, Rodrigo Rosso ; OLIVEIRA, J. S. . O Fenômeno de Ser Intérprete. In: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi. (Org.). **Estudos Surdos IV**. Estudos Surdos IV. Petrópolis: Arara Azul, 2009, v. IV, p. 394-407..
- MASUTTI, Mara Lúcia. **Tradução cultural: Desconstruções Logofocêntricas em Zonas de Contato entre Surdos e Ouvintes**. Tese Doutorado, UFSC, 2007, 165 p.
- MASUTTI, M. L. ; SANTOS, Silvana Aguiar dos . Intérpretes de língua de sinais: uma política em construção. In: Ronice Muller de Quadros. (Org.). **Estudos Surdos III**. Estudos Surdos III. 1ed.Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008, v. 3, p. 148-167.
- PEREIRA, Maria Cristina Pires. **Testes de proficiência lingüística em língua de sinais: as possibilidades para os intérpretes de Libras**. Dissertação de Mestrado, Universidade Vale dos Sinos, 2008.
- SPENCE, Rachel Sutton ; QUADROS, Ronice Muller de . Sign language poetry and Deaf identity. **Sign Language Linguistics**, John Benjamins - London, v. 8:1/2, p. 177-212, 2005. Quadros e Sutton-Spence, 2006
- SHAYEGAN, Daryush. **La luz viene de Occidente**. Barcelona: Tusquets Editores, 2008.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.